



# Rede Multiétnica de Salvaguarda

TÉCNICA DE SALVAGUARDA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

DOSSIÊ | março de 2016



**Estamos falando de uma visão de seres humanos como seres culturais, para os quais é vital a habilidade de criar, de se expressar, de transmitir patrimônios às futuras gerações, tão importante quanto o ar que respiramos e o alimento que nos nutre.**

Discurso de Irina Bokova, Diretora-geral da UNESCO,  
por ocasião do Seminário Internacional Cultura e Desenvolvimento

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 2015

## Rede Multiétnica de Salvaguarda

TÉCNICA DE SALVAGUARDA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

## **1. Prefácio**

Este dossiê pretende apresentar uma experiência relacionada às práticas em rede multiétnica para salvaguardar patrimônios imateriais de alguns povos indígenas que habitam o Brasil, salvaguardar em favor deles e de nós, humanidade.

As experiências da REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA (RMS) promovidas pela ONG Thydêwá começaram com o próprio nascimento da instituição em 2002. A Thydêwá constituiu-se alquimicamente com a participação de indígenas de várias etnias e não indígenas. A Thydêwá está atualmente dirigida por cinco sócios: Mayá Pataxó Hãhãhãe (BA); Nhenety Kariri-Xocó (AL); Atiã Pankararu (PE); Sebastián Gerlic e Potyra Tê Tupinambá (BA). A RMS vai tomando corpo com as ações, projetos, aventuras, desafios e encontros em que alguns dos membros da rede vão tecendo. A RMS, enquanto rede, se mantém sempre aberta, dinâmica e distribuída, preferindo resguardar-se ágil e não se institucionalizar; contando com a colaboração da Thydêwá no secretariado e na estrutura física e operacional.

A escritura deste dossiê acontece dez anos após a “Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões (2005)”, e treze anos após a “Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003)”, momento no qual existem várias vozes, muitas vezes antagônicas, sobre ambos os temas. Explicitamos abaixo algumas questões que retratam o atual e polifônico cenário:

Para alguns, o patrimônio é estratégico para o desenvolvimento; para outros, é estratégico para a sobrevivência, e ainda há aqueles que o consideram estratégico para a sustentabilidade.

Para algumas pessoas, a globalização está aniquilando a diversidade, para outras, o pensamento global nem sempre se impõe em processos de patrimonialização.

Para uns, a função social do patrimônio é de formação de memória e cidadania; para outros, é garantia de coesão social.

Uns se perguntam: - *Para que uma lista de Patrimônio? Isso gera concorrência entre Patrimônios. Patrimônio imaterial pode ter dono? Quando é patrimônio da humanidade a comunidade local perde ou ganha o quê?*

O reconhecimento de um patrimônio não está mais só na mão dos acadêmicos, festejam alguns; outros ainda criticam, mas a regra que se usa para defini-los apresenta uma faceta universalista e uma lógica racionalista fundada em conceitos e categorias ocidentais.

Contudo, percebe-se que o tema do patrimônio traz discussão sobre a propriedade intelectual coletiva e sobre o bem comum, ao mesmo tempo que está presente na formulação de políticas públicas e sendo incluído nas agendas social, econômica, ambiental e cultural do Brasil e do mundo.

## ***2. Sobre a RMS, a nossa rede***

Nos processos de “salvuardas” que acompanhamos, as comunidades indígenas e, em especial, aqueles indígenas que protagonizaram as ações, de alguma forma, “materializam parte do imaterial” em livros, CDs e vídeos, sendo bem mais ricos e importantes os processos vividos pelos indígenas e suas comunidades que os produtos resultantes. Pelo fato dos livros facilitarem a apresentação dos trabalhos da RMS, eles têm bastante ênfase neste dossiê.

Somos conscientes, nós da Thydêwá tanto quanto os próprios indígenas da RMS, que bem mais importante que os livros são as práticas que os indígenas fazem. Buscaremos aqui compartilhar alguns aspectos de como a vivência de participar da REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA influenciou e ainda influencia muitas práticas de muitos indígenas. Se por um lado, hoje, os indígenas caminham para dentro do mundo globalizado, por outro ou simultaneamente, vivem com uma maior compreensão de si mesmos e da diversidade cultural, avançam como sujeitos de direitos, sujeitos políticos e agentes de mudanças. Os indígenas com os quais nos

relacionamos têm a clareza de que a salvaguarda de seus patrimônios precisa de ações concomitantes, as que olham para dentro das comunidades e as que olham para o mundo como um todo.

Nesse complexo e saudável “caldo” estamos nós, apresentando o dossiê da tecnologia “REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA” na vontade de partilhar nossa vivência e com o desejo de contribuir para com outras experiências e para com as reflexões sobre salvaguarda do patrimônio imaterial.

No meio desta efervescência, impulsiona-nos a apresentar este dossiê, as vozes dos indígenas que participam da REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA que, unanimemente, dizem estar valendo a pena relacionar-se interculturalmente e estar convivendo com resultados positivos e estimulantes, frutos também das ações promovidas em rede.

### ***3. O nascimento de uma tecnologia:***

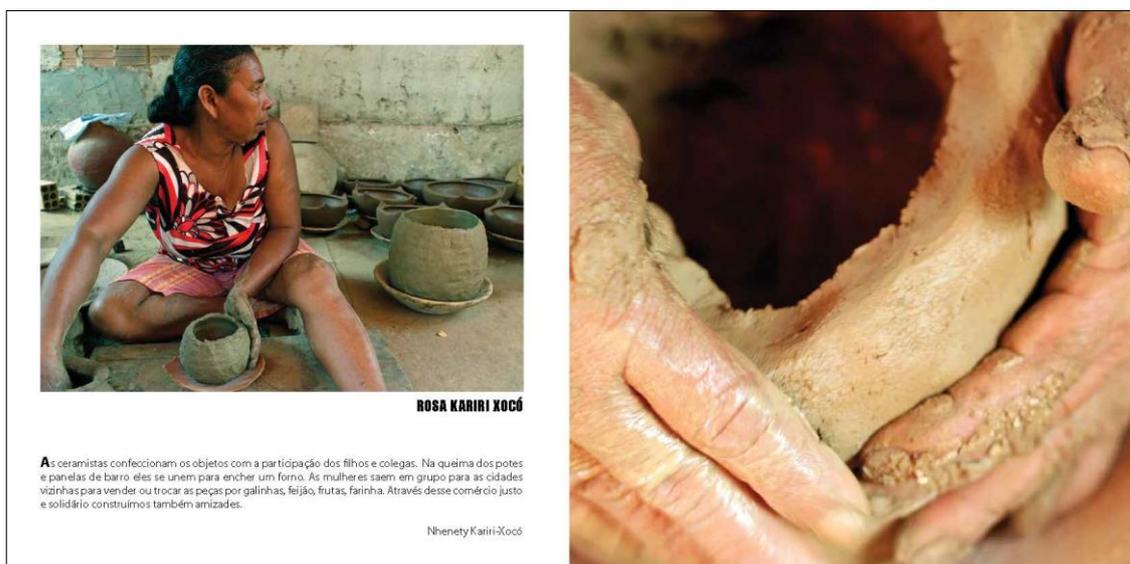
REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA é uma tecnologia sociocultural educativa sistematizada pela ONG Thydêwá que fortalece capacidades e talentos humanos para, entre outras, colaborar na salvaguarda de patrimônios imateriais.

As ações integradas que acontecem para produzir a comunicação, e as ações educativas que acontecem com o produto da comunicação, e o produto propriamente dito, são alianças cooperantes desta tecnologia.

A REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA nasce de um sonho comum entre um comunicador social, um arte-educador e vinte indígenas de sete etnias: Kariri-Xocó, Xucuru-Kariri (AL); Pankararu, Truká (PE); Tupinambá, Tumbalalá e Pataxó Hãhãhãe (BA). As pessoas, alquimicamente juntas, desenham seu primeiro projeto para identificar e registrar práticas de professores indígenas que se valem de seus cantos tradicionais para transmitir às crianças parte dos patrimônios imateriais de suas comunidades. Assim, realizam na aldeia Kariri-Xocó em 2003, o primeiro

Encontro "Cantando as Culturas Indígenas" e, em 2005, o segundo Encontro. Sistematizam as experiências resultando um livro-cartilha com CD "Cantando as Culturas Indígenas". Com os livros nas mãos, as práticas e os intercâmbios continuam. Paulatinamente vai aumentando o número de professores indígenas que no interior das comunidades se valem deste material didático diferenciado e, estimulados, veem crescer os diálogos sobre práticas de salvaguarda.

Esse grupo de pessoas começava a perceber como ainda que em contextos diferentes e com culturas diferentes, os povos indígenas têm muitas semelhanças que quando compartilhadas propiciam o enriquecimento de todos. E assim, começa a se tecer uma rede multiétnica de salvaguarda. Em rede, inaugura-se um processo de divulgação de percepções, sentimentos, visões e opiniões sobre problemáticas e sobre soluções às práticas sociais e, em especial, às práticas que seriam mais identificadas com as formadoras de identidade étnica singular. E assim, se percebe que essas práticas são as vezes tão semelhantes entre dois ou mais povos ou etnias, que aquele determinado patrimônio não seria exclusivo de uma determinada etnia, mas sim de um conjunto de etnias ou povos, podendo até ser de mais de um tronco étnico. Por exemplo, quando os Kariri-Xocó (AL) percebem que os Xokó (SE) e os Pankararu (PE) também fazem panelas e potes de barro, eles passam a perceber que essa sabedoria e prática são comuns a muitos povos. Quando ceramistas de mais de



Livro RISADA. Na imagem a ceramista Kariri-Xocó (AL)



perderem esse conhecimento? Vocês ainda praticam? Os jovens se interessam? São essas perguntas sobre a salvaguarda que dentro da rede multiétnica promovemos e incentivamos que aconteçam. Provocamos pontes, reflexões, intercâmbios e partilhas. Temos a sensação de que nessas relações e diálogos em rede multiétnica, os indígenas saem enriquecidos e entusiasmados por investirem com mais força na salvaguarda do que entendiam como “próprio” de sua cultura.

Anexamos a este dossiê um exemplar da terceira e última tiragem do kit: cartilha-livro com CD CANTANDO AS CULTURAS INDÍGENAS.



Três páginas do livro ESPERANÇA DA TERRA que mostram a mesma ação da RMS em duas etnias: Abaixo Pataxó Hãhãhãe (BA); na próxima página: Pankararu (PE)





#### 4. Três Fontes de Inspiração:

A REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA reconhece três fontes de inspiração: uma, na tecnologia irmã ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS; tecnologia essa que foi desenhada para ser executada com o povo de uma só etnia. Com tal técnica, indígenas de uma mesma nação se reuniam para realizar juntos um livro que representasse sua nação. Cada comunidade tomava o seu processo de produção de comunicação como um processo de identificação, investigação, pesquisa, formação e expressão, sendo o livro resultante, suporte para novas ações educativas, tanto dentro das próprias comunidades indígenas como fora delas; compreendendo as ações e os processos como mais importantes que o produto em si mesmo.

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS surgiu para dar vez, voz e imagem aos próprios indígenas e seus primeiros sete produtos foram livros, sendo cada um feito por uma comunidade/etnia.

Índios na visão dos índios Kariri-Xocó. 1. ed. 2001. v. 1. 64p

Índios na visão dos índios: Fulni-ô. 1. ed. 2001. v. 1. 64p.

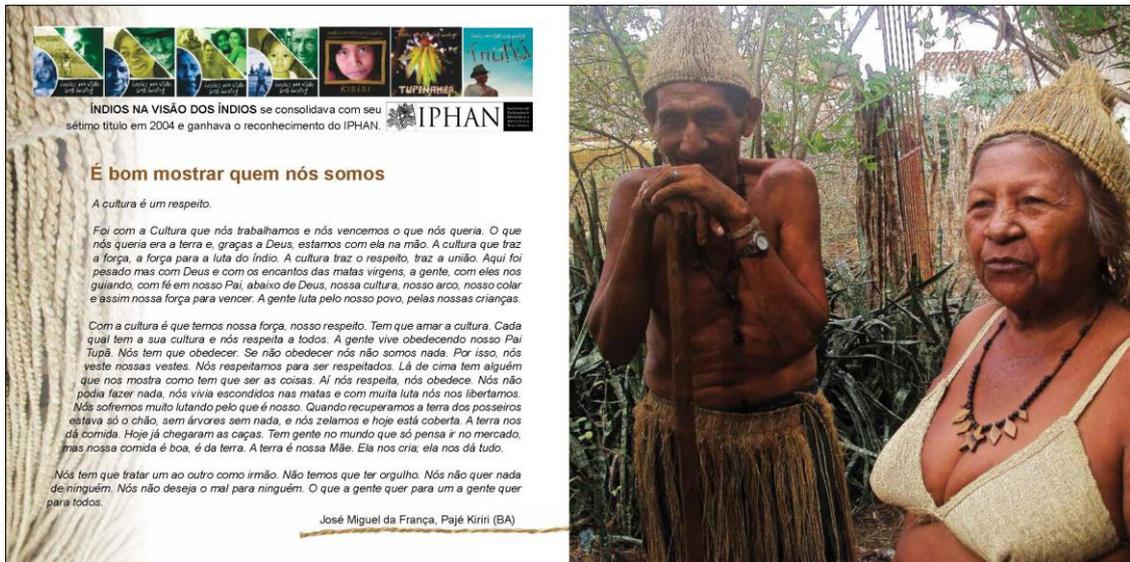
Índios na visão dos índios Pankararu. 1. 2001. v. 1. 64p.

Índios na visão dos índios: Tumbalalá. 1. 2001. v. 1. 64p

Índios na visão dos índios: Kiriri. 1. 2003. v. 1. 64p.

Índios na visão dos índios: Tupinambá. 1. 2003. v. 1. 64p.

Índios na visão dos índios: Truká. 1. 2003. v. 1. 64p.



No livro ESPERANÇA DA TERRA uma citação ao IPHAN que reconheceu a primeira tecnologia social educativa cultural da ONG Thydêwá

Muitos indígenas que tinham participado da tecnologia ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS se perguntavam o que se poderia fazer partindo da partilha de experiências, do cruzamento de saberes, da união multiétnica. Ao tempo que a tecnologia ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS se consolidava e recebia reconhecimentos no interior das aldeias e mundo afora (Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade 2004, na categoria Divulgação) começava a nascer uma nova proposta, fundada no “MULTIÉTNICO”. A RMS, enquanto tecnologia, nascia se erguendo da força do multiétnico, da energia que emanava das relações que cantavam e dançavam em rede.

A segunda fonte de inspiração da REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA se explicitou quando iniciava sua ebulição, quando a metade dos indígenas que nela se entrelaçava trazia referências da REDE ÍNDIOS ON-LINE.



Três indígenas de aldeias distintas. Alexsandro Potiguara da Paraíba, Thyrry e Xaruy Pataxó da Bahia. Redes Multiétnicas presenciais e a distância.

A REDE ÍNDIOS ON-LINE nasceu em abril de 2004, através de uma reunião com 14 indígenas de sete nações a convite da Thydêwá. A rede se sustentava no dia a dia através de comunicações digitais, feitas em portal específico (atualmente [www.indiosonline.net](http://www.indiosonline.net)) e via *chat*. Nela participavam indígenas de ambos os gêneros, sendo 75% jovens e 25% adultos. Os jovens usavam a internet com maior facilidade e os adultos orientavam com cautela, as pesquisas e os diálogos. Os diálogos transgeracionais, mediados, às vezes, pela tecnologia eram cotidianos. Foram, principalmente, esses adultos que iam conversando lentamente para constituir a REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA.

**CULTURA DIGITAL** **ÍNDIOS ONLINE** **NOSSA VOZ**

Fazendo os livros **ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS** os indígenas se apropriaram de câmeras de fotos, de gravadores de áudio, de usar um scanner para capturar um desenho...

Na foto: Hemerson Patavo Hãhãise <hemersonpatavo@indiosonline.org.br>

Os livros chegavam longe, mas seu conteúdo era finito e parava no tempo. Para facilitar o diálogo entre os indígenas e a comunicação deles com a sociedade... O salto quântico foi colocar conexão de internet dentro de sete aldeias...

Em abril de 2004, através de uma aliança inter-étnica e a colaboração da Thydêwã, nasceu a:

**REDE ÍNDIOS ON-LINE**

Em seis meses depois chegava o primeiro Prêmio: **Prêmio de Inclusão Digital Telemar**.

Na foto: Poyra Tê Tupinambá <potyratupinamba@indiosonline.org.br>

Nós, do Povo Tupinambá, estamos em um processo de retomada de nosso Território

Tradicional. Estamos fazendo a nossa própria conta e risco a autodemarcação de nossa Terra Indígena já que o Estado Brasileiro não vem cumprindo com o seu dever de demarcar.

Em Outubro de 2009, fizemos uma série de retomadas na região de nosso Território, conhecida como Santana. Nestas retomadas fizemos um trabalho forte de ciberativismo com publicações diárias de nossas retomadas no Portal Índios On Line. Queríamos mostrar ao Mundo o que estava acontecendo, documentando tudo em forma de vídeos e fotos, provar que as áreas estavam abandonadas pelos fazendeiros, as roças estavam cheias de mato e que depois de retomadas por nós, os fazendeiros puderam retirar seus bens, e que agimos de forma pacífica. Queríamos mostrar as famílias indígenas plantando seus alimentos, limpando a roça, devolvendo vida às áreas abandonadas pelos fazendeiros.

Há dois anos atrás fui surpreendida com uma intimação para responder um processo sobre Direito de Imagem contra mim e contra a ONG Thydêwã. A Thydêwã está sendo incriminada por apoiar o protagonismo dos indígenas na busca por seus direitos. Sabemos que na verdade, o que querem é calar a nossa voz, mas não conseguiram, pois somos Etnojornalistas, Ciberativistas e fazemos um trabalho sério. E assim como existe o Direito de Imagem também existe o direito à Livre Expressão, o Direito de Imprensa e quando um "Índio On Line" noticia fato de seu cotidiano, está fazendo isso em primazia do interesse social e não estamos cometendo crime algum.

**Leia na íntegra: [www.Indiosonline.net/nossa-voz/](http://www.Indiosonline.net/nossa-voz/)**

Os jovens estavam muito interessados em conhecer o mundo de fora através da internet e estavam também ávidos por seus direitos. Foi ali que os adultos explicaram que grande parte da violência e da discriminação que os indígenas sofrem é devido à sociedade não os conhecer de verdade.



JAGUATIRICÁ TUPINAMBÁ <jeanderson.tupinamba@gmail.com>

Nestes anos foram muitas as **INTERAÇÕES ESTÉTICAS** e as **RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS** com a Thydêwã que, quando o MinC nos reconheceu com o Prêmio CULTURA DIGITAL fortaleceu nossa ideia de termos um espaço especial para tudo isso e mais... Nasceu assim a:



OCA DIGITAL é também um Laboratório onde tecnologias e artes fazem comunicação a favor da comunidade do Tupinambá e da Mãe Terra.

A OCA DIGITAL contou com a parceria da Fundação Telefônica Vivo e com o Fundo de Cultura da Bahia.

[www.ocadigital.art.br](http://www.ocadigital.art.br)



**O meu espaço de aprendizado**

31 de outubro de 2012

2 Comentários

A Oca Digital é um lugar relacionado ao aprendizado e ao ensino da luta Tupinambá aos jovens que estão se iniciando no movimento. Nós aprendemos a lidar com o mundo e também passar para o mundo quem somos e como nós agimos, nós lutamos por um mundo melhor com dignidade, porque o que nós mais queremos é ser livre, poder andar tranquilamente nas ruas sem sermos olhado dos pés a cabeça e sem sermos chamados de vagabundos, ladrões, descarados...

Nã Oca também aprendemos a lidar com as máquinas, que são os celulares, computadores, câmeras e etc. Aprendemos a mexer em programas e várias outras coisas. O que eu aprendo eu passo para todos amigos e vizinhos da minha comunidade, eu acito muito legal porque além de nos mostrar ao mundo lá de fora, ainda nos dá a possibilidade de fazer algo de bom para o povo da nossa comunidade.

O mais importante é que além do orgulho de sermos indígenas, somos pessoas direitas.

A RMS realizou mais de 60 Encontros / Oficinas Multiétnicas. Apropriação das TICS para registrar cenas relacionadas a patrimônios é uma prática cotidiana graças ao incentivo da RMS

Os adultos explicavam para os jovens que é justamente aquilo que os indígenas têm de diferente, o que os identifica, o que os orgulha; é ao mesmo tempo o “problema” e a “solução”. Explicavam que exatamente tais conhecimentos, sabedorias, práticas, tradições e valores são os partilhados pela maioria dos indígenas das aldeias e desconhecidos no mundo afora que fazem com que as pessoas ignorantes da realidade indígena, possam se sentir ameaçadas e reagir com desrespeito e agressividade contra os indígenas. Eles explicavam que era exatamente “nesse mal que estava também o remédio”. Os adultos falavam da importância de apropriar-se das tecnologias para mostrar para o mundo que os indígenas não são burros, não são incapazes, não são ladrões de terra e não são violentos. Cristalizava-se que seria justamente valorizando o patrimônio imaterial indígena que os indígenas iriam se fortalecer e vir conquistar o respeito dos não indígenas.



A técnica da RMS envolve reuniões participativas com comunidades, lideranças, professores e jovens; todos colaborando juntos em um só objetivo.

Na época, a Thydêwá estava compartilhando as publicações da UNESCO: A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003); A Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005); e o Manifesto 2000, que motivaram um grupo de índios a se dedicar à salvaguarda de seus patrimônios; assim, com os documentos da UNESCO como terceira fonte, a REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA ia ganhando corpo.

## 5. Princípios fundacionais da RMS:

Em um dos encontros multiétnicos realizados em 2006, um indígena da RMS se expressou assim: “*precisamos fortalecer nossas capacidades, vamos aprender fazendo*”; e no coletivo alguns princípios se consensuaram:

- Autodeterminação, Autogestão, Auto identificação, Auto pesquisa, Auto representação;
- Liberdade de Expressão e Protagonismo.

## 6. Segunda Experimentação:

Com a rede já criada, a Thydêwá recebe uma provocação do instituto Oi Futuro; realizar um livro que partilhasse a visão dos indígenas sobre o uso que fazem das novas ferramentas digitais de informação e comunicação. Como muitas das ferramentas estavam sendo usadas a serviço da salvaguarda dos patrimônios indígenas e a partir do entendimento de que divulgar esses patrimônios seria uma forma de contribuir com a própria salvaguarda, em 2007 a RMS se aventura no desenvolvimento de um novo projeto, culminando com o lançamento e a distribuição do segundo livro feito pela REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA: “O ARCO DIGITAL”.



## A DINÂMICA DA CULTURA

Tradicionalmente a tribo abria na floresta uma clareira para construção da aldeia ou plantar suas roças comunitárias, usavam artefatos naturais com sua marca cultural. Com a instalação portuguesa no Brasil, uma série de instrumentos, objetos da cultura européia, foi introduzida entre as tribos. Muitos objetos substituíram os já usados pelos índios há milênios. O cocar pelo chapéu, a tanga de palha pela calça de pano, o arco e flecha pela espingarda, o colar de dentes e sementes pelo de metal. A maloca coletiva pela casa privada para um só casal, a rede de dormir pela cama, a lasca de pedra pelo machado de ferro, o espelho de reflexo d'água por um espelho de vidro. Aos poucos, com o capitalismo, vieram produtos industrializados, o mel das abelhas pelo açúcar de cana, a canoa utilizada pelos índios foi trocada pelo carro de boi. Foram incorporados elementos da cultura européia, o café, o moinho de cereais substitui o pilão, o baú no lugar dos balaios de cipó, a enxada no lugar de cavadores de madeira. Muitas atividades tradicionalmente mudaram de sistema porque foram destruídas as florestas, de onde vinham todos os produtos para a cultura indígena.

Sabemos que essa mudança cultural é irreversível. A cultura não é parada, não é estática, é móvel, mutável, dinâmica. A cultura está sempre sendo construída em diálogo também com as outras culturas.

Devemos nos enriquecer com aspectos de outras culturas necessários para nossa evolução e ao mesmo tempo não colocar em risco nosso sistema nativo. Hoje utilizamos o computador para além de registrar nossas histórias, cantos, fauna, flora e conhecimentos, usamos também a tecnologia avançada para denunciar o corte de madeiras, para estudar, para reivindicar nossos direitos e para conhecer outras culturas, com as quais dialogamos e assim nos precavemos das coisas que consideramos ofensivas para nossa cultura.

60

Nhenety Kariri-Xocó



Kariri-Xocó



## NÃO É LENDA NEM MITO, É VERDADE

Como Contador de Histórias da tribo, é muito frequente ser entrevistado por acadêmicos que visitam os Kariri-Xocó. Certa vez estava em minha casa e chegou um universitário. Ele disse para mim que veio fazer um trabalho na tribo sobre "mitos e lendas" dos Kariri-Xocó. Respondi que aqui na tribo não existem mitos nem lendas. Ele levou um tremendo susto. Expliquei que entre os índios "mitos e lendas" são histórias. Nossas histórias não são fantasias nem mentira como contam os livros. Acreditamos na Mãe D'Água que é guardiã dos rios e dos peixes. Recebemos notícias da natureza através dos cantos dos pássaros e insetos, bem como dos fenômenos atmosféricos.

As formigas quando saem do formigueiro é sinal que vai chover. Quando o João-de-Barro faz sua casinha de argila com a porta virada para o Norte é porque vamos ter um inverno chuvoso. Nós índios acreditamos na nossa cultura.

Quando acreditamos em nossa espiritualidade nos aproximamos do Ser Superior e de nossa Mãe Terra. O conhecimento brilha como o Sol do meio-dia, que ilumina a todos nós, sementes da cultura na grande árvore da floresta. Cada povo tem a sua árvore cultural, juntando todas elas forma-se a "Grande Floresta da Terra", onde as tribos vivem em paz.

Nhenety Kariri-Xocó

27

## O COMPUTADOR É O NOVO ARCO E FLECHA

O arco e flecha é um instrumento de defesa, de caça... Hoje em dia, um computador com acesso à Internet também pode ser utilizado pelos índios como um instrumento de defesa e de caça. Nós, índios, já estamos usando o computador como ferramenta de buscar soluções. O computador nos serve para escrever projetos ou cartas que nos auxiliam para encontrar melhorias na saúde, educação, sustentabilidade e tudo que se refere à nossa sobrevivência e desenvolvimento, servindo como um arco e flecha.

Quando nós índios pensamos em fazer uma caçada, nós nos preparamos estudando todas as possibilidades: o clima, o terreno, a época do ano... Preparamos nossas flechas, fazemos nossas orações e saímos em grupo... Hoje em dia, também nos reunimos em grupo e através do computador e da Internet nós estudamos todas as possibilidades: os órgãos do governo e seus editais e suas leis, as agências de cooperação, os financiadores, os programas, os patrocínios de empresas, o mundo das parcerias... Preparamos nossos projetos e saímos com o objetivo de concretizar nossa caçada.

Quando um projeto é pensado, projetado, elaborado, encaminhado e captado, é igual à caçada tradicional. O que é preciso para ser um bom caçador? Precisa aprender com os mais hábeis caçadores e principalmente praticar muito. É bom estudar os hábitos dos animais: onde comem, onde bebem, onde vivem... É importante saber imitar os animais para atraí-los. É importante farejar, rastejar para capturar as caças. É muito importante também o domínio do arco e flecha, para atingir a caça. O que é preciso para ser um bom caçador eletrônico?

Precisa aprender um pouco de informática com aqueles que já sabem sem se importar com a tribo digital que a outra pessoa pertença. Dedicar horas à prática no computador é fundamental. Praticando se aprende. Muito do que sabemos hoje temos aprendido praticando... Sozinhos.

Com a Internet nós podemos estudar "os hábitos" das agências, das secretarias, dos

06



órgãos, das empresas... Onde se localizam, quais são as suas missões, quais suas formas de proceder (editais, chamadas, patrocínios, apoios, parcerias...).

É importante saber "imitar", saber ajustar nossos projetos aos perfis daqueles que a gente quer atrair, sejam eles financiadores ou parceiros... É importante procurar, pesquisar, navegar na Internet para assim saber melhor como "capturar".

O computador é muito rápido. Ele vai longe e pode atravessar o oceano em segundos. A luta para buscar as soluções dos problemas exige um grupo de pessoas articuladas e planejamento.

Um arco e flecha pendurado na parede é decorativo, não caça nem defende. Vamos usar nossos computadores, estiquemos nossos arcos e lancemos nossas flechas digitais!

Nhenety Kariri-Xocó  
07

## ***7. Terceira experiência: O salto quântico:***

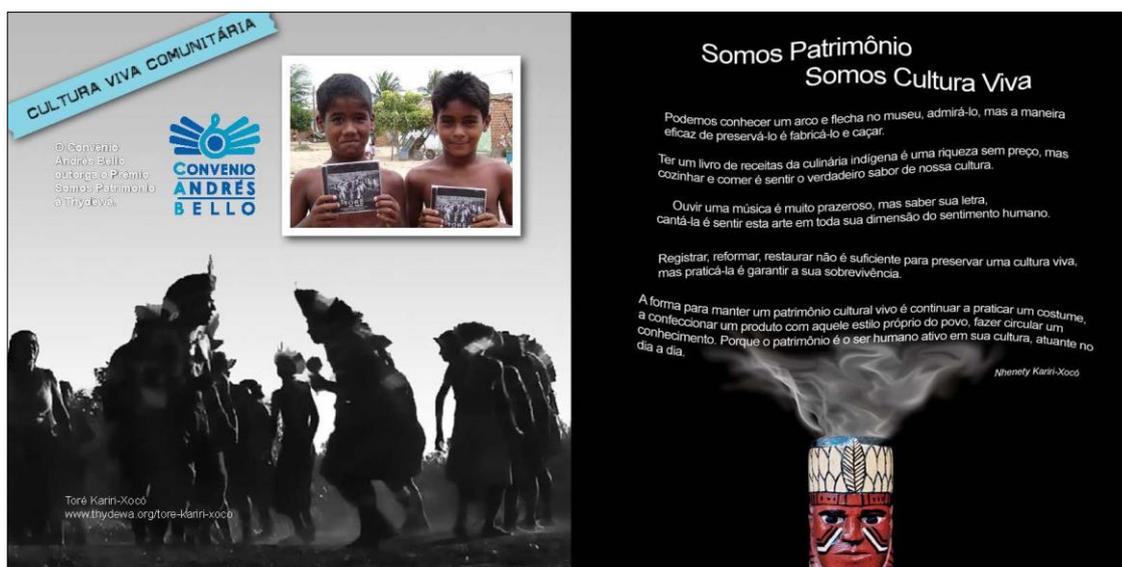
Em 2008, a Thydêwá se propõe para, em colaboração multiétnica, estudar a situação dos patrimônios imateriais indígenas nas 10 aldeias que teciam sua rede. Na ocasião, vários indígenas parceiros já estavam participando de oficinas de “Agente Cultura Viva” através do convênio que a Thydêwá mantinha com o Ministério da Cultura no marco do programa Cultura Viva. As oficinas ocorreram em encontros multiétnicos e foram facilitadas pela Thydêwá e, em especial, pelos próprios indígenas que tinham participado de uma ou das duas experiências anteriores: “CANTANDO AS CULTURAS” e “ARCO DIGITAL”.

Essas formações incluíam principalmente o fortalecimento dos indígenas enquanto “Agentes de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial” na perspectiva desta tecnologia aqui apresentada, que tem seu diferencial na apropriação consciente e coletiva que os indígenas fazem das ferramentas digitais visando o fortalecimento cultural e a promoção do diálogo intercultural para a paz.

No mesmo ano, o Convênio Andrés Bello (CAB) participa do Mercado Cultural na cidade de Salvador, onde alguns indígenas que representavam a Thydêwá apresentam trabalhos. Um indígena da etnia Shuar de Equador comenta sua experiência de apropriação de patrimônio durante o evento. Meses mais tarde, a Thydêwá apresenta ao Convênio Andrés Bello suas duas tecnologias já sistematizadas: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS e ÍNDIOS ON-LINE e ganha o Prêmio SOMOS PATRIMÔNIO. Com o recurso desse prêmio fortalece a rede de indígenas agentes de salvaguarda que então sistematiza a tecnologia e produz seu primeiro resultado oficial, o livro: SOMOS PATRIMÔNIO, lançado em 2011.

A rede ganha uma nova fonte de inspiração: a perspectiva epistemológica do conceito SOMOS PATRIMÔNIO, provocado pelo Convênio Andrés Bello, nos textos de María Luisa Cerillos sobre “Apropiación social del Patrimonio” e “Patrimonio: el futuro que habita en la memoria”, de Jesús Martín-Barbero. Destacamos do CAB especialmente este aporte:

La idea de apropiación social del patrimonio da sentido y orienta el título de esta convocatoria: Somos Patrimonio. Conjugado en primera persona del plural, el verbo ser adquiere carácter de múltiple. La idea de apropiación social del patrimonio reclama así la participación colectiva, pues la considera eje de construcción de las identidades y, por ende, de la consolidación de un "nosotros". Mediante la apropiación social del patrimonio una pluralidad de individuos se reconoce como pertenecientes a un mismo pueblo y a un mismo territorio. Así se fortalece la identidad y se genera un sentido de pertenencia. Este proceso engendra un "nosotros" que, a su vez, crea y recrea acervos para reconocernos a nosotros mismos como uno solo. De este modo la apropiación social del patrimonio también puede ser entendida como el fundamento que permite construir la unidad en la diversidad y, por tanto, la integración de los pueblos y comunidades.



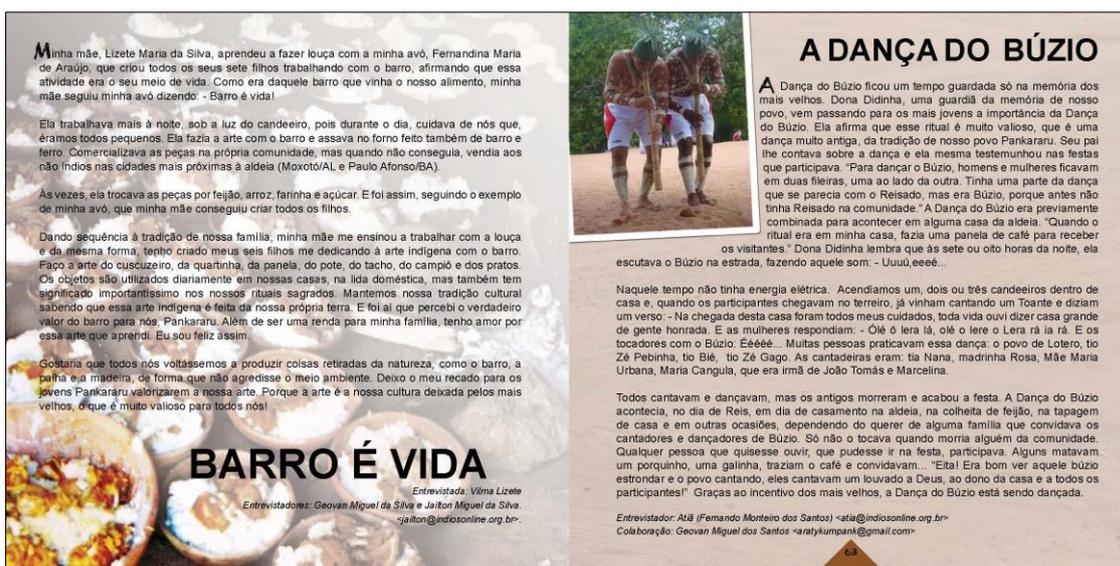
Os indígenas da RMS além de fazer fotos e textos para publicar na internet e em livros, também fazem vídeos e áudios, para publicar e para uso interno dentro das comunidades

Foi com a publicação do nosso título “ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS: SOMOS PATRIMONIO” que a tecnologia ganhou sistematização e se dispôs pronta para ser facilmente replicada.

## 8. Consolidação e desdobramentos da técnica RMS

A tecnologia REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA já estava robusta. A maior parte dos “nós” (elos) temporários dentro do processo de fluxo da rede aconteciam ou através da internet georeferenciando todo o Brasil ou fisicamente na Bahia, onde a Thydêwá desde sua fundação vem mantendo a sua sede e sempre com a presença forte de indígenas vindos de Alagoas, Sergipe e Pernambuco.

A RMS vai consolidando seus processos enquanto simultaneamente também inova e se recicla. Um grupo de indígenas começa, em 2011, a focar a temática do artesanato e acaba criando a rede R.I.S.A.D.A. (Rede Indígena Solidária de Arte e de Artesanato - [www.risada.org](http://www.risada.org)).



**BARRO É VIDA**

Entrevistada: Vilma Lizete  
Entrevistadores: Geovan Miguel da Silva e Jailton Miguel da Silva.  
-jailton@indiosonline.org.br-

**A DANÇA DO BÚZIO**

A Dança do Búzio ficou um tempo guardada só na memória dos mais velhos. Dona Didinha, uma guardiã da memória de nosso povo, vem passando para os mais jovens a importância da Dança do Búzio. Ela afirma que esse ritual é muito valioso, que é uma dança muito antiga, da tradição de nosso povo Pankararu. Seu pai lhe contava sobre a dança e ela mesma testemunhou nas festas que participava. “Para dançar o Búzio, homens e mulheres ficavam em duas fileiras, uma ao lado da outra. Tinha uma parte da dança que se parecia com o Reisado, mas era Búzio, porque antes não tinha Reisado na comunidade”. A Dança do Búzio era previamente combinada para acontecer em alguma casa da aldeia. “Quando o ritual era em minha casa, fazia uma panela de café para receber os visitantes.” Dona Didinha lembra que às sete ou oito horas da noite, ela escutava o Búzio na estrada, fazendo aquele som: - Uuuu,eeeeé...

Naquele tempo não tinha energia elétrica. Acendíamos um, dois ou três candeleros dentro de casa e, quando os participantes chegavam no terreiro, já vinham cantando um Toante e diziam um verso: - Na chegada desta casa foram todos meus cuidados, toda vida ouvi dizer casa grande de gente honrada. E as mulheres respondiam: - Olé ó lera lá, olé o lere o Lera rá ia rá. E os tocadores com o Búzio: Eéééé... Muitas pessoas praticavam essa dança: o povo de Lotero, tio Zé Pebinha, tio Blé, tio Zé Gago. As cantadeiras eram: tia Nana, madrinha Rosa, Mãe Maria Urbana, Maria Cangula, que era irmã de João Tomás e Marcelina.

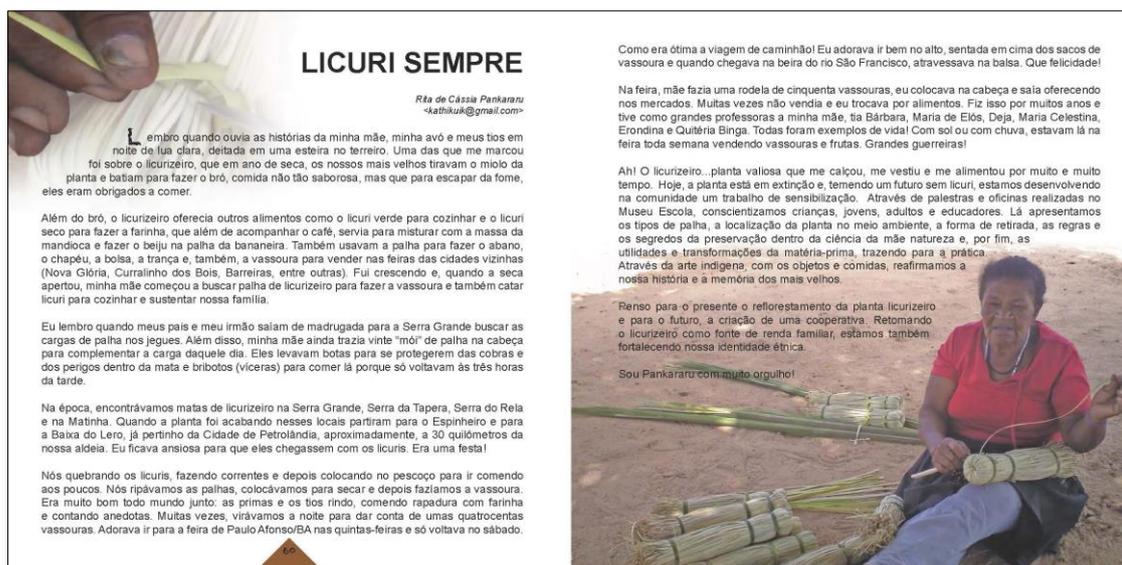
Todos cantavam e dançavam, mas os antigos morreram e acabou a festa. A Dança do Búzio acontecia, no dia de Reis, em dia de casamento na aldeia, na colheita de feijão, na tapagem de casa e em outras ocasiões, dependendo do querer de alguma família que convidava os cantadores e dançadores de Búzio. Só não o tocava quando morria alguém da comunidade. Qualquer pessoa que quisesse ouvir, que pudesse ir na festa, participava. Alguns matavam um porquinho, uma galinha, traziam o café e convidavam... “Eita! Era bom ver aquele búzio estrondar e o povo cantando, eles cantavam um louvado a Deus, ao dono da casa e a todos os participantes!” Graças ao incentivo dos mais velhos, a Dança do Búzio está sendo dançada.

Entrevistador: Alê (Fernando Monteiro dos Santos) <ata@indiosonline.org.br>  
Colaboração: Geovan Miguel dos Santos <aratyumpank@gmail.com>

A dança do Búzio é comum em Kariri-Xocó (AL), Fulni-ô e Pankararu (PE), em cada etnia tem uma peculiaridade, na RMS os indígenas partilham como preservar essa dança.

Interessados na temática do ensino de “História e as Culturas Indígenas” (diretriz da lei 11.645/2008), indígenas da RMS realizam um outro “subnó” (sub-elo) e criam, também em 2011, a rede ÍNDIO EDUCA ([www.indioeduca.org](http://www.indioeduca.org)).

Em 2012, após encontros presenciais e vários diálogos na internet, a RMS constrói e lança o livro MEMÓRIA.



No livro MEMÓRIA, indígenas de diferentes etnias apresentam como usam diferentes matérias primas naturais para fazer seus variados utensílios domésticos

Em 2013, através do Prêmio Ponto de Memória do IBRAM, começa a viabilizar a produção coletiva e multiétnica do livro "MEMÓRIA DA MÃE TERRA" e através do Prêmio Memórias Brasileiras, também do IBRAM, inicia os processos para a produção coletiva e multiétnica do livro "MEMÓRIA DO MOVIMENTO INDÍGENA DO NORDESTE". Para estes dois últimos livros, a RMS revisa sua metodologia e verifica que pode aplicar sua tecnologia de produção colaborativa multiétnica sem ter a necessidade de encontrar presencialmente os indígenas. E assim, lança na internet chamadas de convocação para produzir colaborativamente inclusive com indígenas que só viria a ter relação através do meio digital.

## ***9. A RMS expressa uma metodologia para produzir livros multiétnicos***

- 1) Uma comissão de no mínimo três pessoas escolhe e define o tema.
- 2) A comissão lança uma chamada aberta a indígenas para produzir colaborativamente sobre o tema (inclusive divulga nas redes sociais).
- 3) Na chamada se apresenta um cronograma e se apresenta o número de exemplares a serem impressos para logo ser dividido proporcionalmente pelos autores. Na chamada se coloca uma sugestão de licença de uso.
- 4) A comissão promove o diálogo entre os autores entre si e com a própria comissão (pode abrir-se um grupo de e-mail, um grupo em uma rede social e/ou usar-se um aplicativo de mensagens multiplataforma).
- 5) Os interessados enviam suas propostas.
- 6) A comissão seleciona os conteúdos e encaminha sugestões aos autores indígenas para fechar suas produções autorais.
- 7) A comissão monta uma boneca do livro e partilhada com todos, para obter sugestões de conteúdo, de cronologia, de estética, etc. Em e-mail coletivo, todos os participantes dialogam e finalizam o livro.
- 8) O livro é impresso e distribuído seguindo os critérios pactuados.

## ***10. Um exemplo de chamada:***

<http://www.thydewa.org/convite-memoria-da-mae-terra/>

Convidamos a todos os indígenas que queiram participar do livro coletivo e multiétnico:

“MEMÓRIA DA MÃE TERRA”

Sobre o tema do livro: “MEMÓRIA DA MÃE TERRA”

A Terra tem Memória. A Terra lembra. E muitos de nós – humanos – não sabemos mais nem lembrar e nem ouvir a nossa Mãe Terra. Nosso passado está ausente de nosso presente ameaçando o nosso futuro. Neste livro, os indígenas mediarão esta Memória conscientizando os leitores. Memórias da vida são necessárias nesta crise contemporânea na qual a civilização dominante impõe a cultura da morte.

Os indígenas atuarão como interlocutores da Mãe Terra sendo porta-vozes da Natureza. Os indígenas através deste trabalho destacarão a Memória e a Expressão dos sentimentos do nosso Planeta. Os filhos da Terra canalizarão este livro-semente para ser amplamente partilhado.

Sobre a produção colaborativa:

A ONG Thydêwá convida indígenas para que, como autores, através de textos e/ou fotos e/ou desenhos, venham participar da produção do novo livro da coleção Índios na Visão dos Índios: “Memória da Mãe Terra”.

O livro terá tiragem de 1.000 exemplares, sendo 600 para distribuir entre os indígenas autores e 400 entre os parceiros: Instituto Brasileiro de Museus, a Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura e a Thydêwá.

O livro terá 64 páginas, com a previsão de 60 de autoria indígena e 04 institucionais.

Os indígenas autores poderão participar com um (01) ou vários conteúdos sendo que, em total, cada pessoa será responsável por, no mínimo, 01 página e, no máximo, 08 páginas.

Dos 600 livros que serão distribuídos entre os autores indígenas será respeitada a seguinte escala:

Quem for autor de 01 página receberá 10 livros; de 02 páginas – 20 livros; de 03 páginas – 30 livros; de 04 – 40; 05 – 50; 06- 60; 07- 70 e de 08 páginas – 80 livros.

O tamanho da participação de cada autor dependerá da sua vontade e do diálogo entre os interessados com a comissão editora que irá equilibrar o livro visando a diversidade de enfoques, diversidade de etnias participantes e qualidade dos conteúdos.

Uma página do livro terá em média entre 100 e 400 palavras e/ou 01 foto. Para uma foto ser impressa no livro, ela precisará ter no mínimo 1000 Kb ou 1 MB. Quanto maior a resolução, melhor.

Para auxiliar a produção das matérias, haverá uma ajuda de custos de R\$ 100,00 para cada página de conteúdo combinada com a comissão editora. Isto significa que no final do processo, os autores do livro terão partilhado, proporcionalmente, suas ajudas de custos, somando um total de R\$ 6.000,00.

Cada autor receberá 50% da sua ajuda de custos quando formalizado um acordo escrito com a comissão editora e os 50% restantes assim que for concluída a sua participação na produção do conteúdo.

Quem quiser conhecer a coleção de livros já produzidos: [www.thydewa.org/downloads1](http://www.thydewa.org/downloads1)

Para os interessados em participar:

Todo indígena que tenha lido esta proposta e concorde com a mesma pode participar. Esperamos que mulheres e homens, jovens e adultos, indígenas de várias etnias participem.

Os autores indígenas poderão produzir textos que podem ser contos, poesias, reportagens, reflexões, depoimentos, cartas... Total Liberdade de gênero e estilo!

O livro é para todo o público, é bom produzir sabendo que o livro poderá ser lido tanto por indígenas como não indígenas e que, provavelmente, venha ter muitos leitores jovens.

As matérias podem ser feitas por uma ou mais pessoas, até por um grupo... Uma pessoa fará contato com a Thydêwá para ser o representante da proposta de conteúdo.

O livro seguirá o seguinte cronograma de produção:

Até xx/xx/xxxx todos os interessados devem enviar um email para: [contatos@thydewa.org](mailto:contatos@thydewa.org)

Colocar como assunto: “Memória / seu nome e etnia”.

E no corpo do e-mail, responda: Qual é o seu nome? Qual é a sua etnia? Onde você vive hoje? E comente se você quer escrever e/ ou fotografar e/ ou desenhar. Fale qual é sua perspectiva, com que abordagem, gênero ou recorte você quer produzir... Partilhe sua proposta (em até 100 palavras).

Até xx/xx/xxxx cada indígena deverá ter mandado sua proposta de conteúdo.

A comissão “Editora” fará contatos com os indígenas para confirmar, esclarecer e/ou orientar os trabalhos para que Até xx/xx/xxxx a Comissão publique o resultado final da avaliação, definindo quais serão as matérias que irão compor o livro e quantas páginas terá cada autor.

Os indígenas selecionados receberão uma notificação, e enviarão por correio ou por email escaneado, um contrato simples apontando uma conta bancária.

Ao receber esse documento a Thydêwá fará 50% do valor da ajuda de custos, e haverá a partir daí 30 dias para editar as matérias.

Até xx/xx/xxxx temos que ter todo o conteúdo fechado, significa que cada autor deverá ter enviado seu texto e sua ilustração até essa data, receberá assim o 50% restante de sua ajuda de custo.

Assim, se iniciará a fase da arte diagramação do livro, lançá-lo e distribuí-lo entre todos os autores

Pretendemos disponibilizar na internet uma versão digital do mesmo livro para qualquer pessoa interessada baixá-lo gratuitamente.

## **11. Mais frutos da RMS:**

Em 2014 lançamos “MEMÓRIA DA MÃE TERRA”, um livro com 27 autores indígenas de 17 etnias.

Em 2015 lançamos “MEMÓRIAS DO MOVIMENTO INDÍGENA DO NORDESTE com 16 indígenas autores de 11 etnias.

Também em 2015, lançamos “PELAS MULHERES INDÍGENAS” com 49 autoras de 7 etnias.

Em 2016 lançamos “RISADA” com 57 autores de 7 etnias.



A RMS continua seu fluxo, mantendo os diálogos, se expressando em diferentes sites na internet e através de diferentes produtos e eventos. Sem esquecer que para produzir um conteúdo para um site ou um livro, temos primeiro um indígena ciente do que é seu patrimônio, temos um indígena que atua no registro desse patrimônio. Esse “simples” processo implica em um processo reflexivo que é sempre comunitário e muitas vezes é também transcultural e multiétnico. Voltemos, por exemplo, ao tema da cerâmica, no qual para cada “conteúdo” sobre cerâmica, um ou vários indígenas pensam: - *O que eu posso dizer sobre o assunto e o que eu não posso? A quem eu devo consultar sobre essa prática? A quem devo solicitar licença? Com quem eu poderia me informar? Será que se eu levar mais alguém comigo para fazer o registro isto “pode virar uma aula” sobre o fazer? Será que colocando minha atenção nessa prática eu estou valorizando quem a pratica? E como eu posso aproveitar “a*

*minha função de registrar” para contagiar outras pessoas tanto a praticar aquele patrimônio, como a valorizá-lo e bem como a também atuarem como agentes conscientes da salvaguarda e que podem vir a realizar outras conversas, outras articulações e inclusive outros registros...? E depois, com o livro nas mãos, a quem eu distribuo? O que eu digo a cada pessoa que o recebe? Como posso usar o livro com minha família, com meus vizinhos e na escola da comunidade? Será que, além de entregar a todas as pessoas que participar do processo um exemplar, eu posso também contribuir na salvaguarda do patrimônio quando entrego o livro em uma escola ou universidade fora da aldeia? Será que eu posso levar a ceramista para essa universidade e juntos batermos um papo com os “alunos”? Será que eu posso anexar o livro ao processo que temos na justiça para regularizar nosso território? Será que aquele “que se acha meu inimigo”, aquele que me chama de “burro, de preguiçoso ou de ladrão de terras” viria a ter um outro olhar sobre nós indígenas se eu desse um livro de presente? Será que dar um livro de presente não é uma forma de promover o diálogo intercultural para a paz? Tudo isso e muito mais aconteceu e acontece em várias aldeias. Graças a essa atitude reflexiva que a REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA vem construindo seus alicerces e, inclusive, os produtos gerados por ela também carregam essa força multiplicadora.*

## **12. Dimensões principais em que a RMS atua:**

### FORMAÇÃO:

A REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA tem sensibilizado em forma direta mais de 10.000 indígenas, sendo que 1000 participaram de alguma atividade e 200 deles entendemos que, através de seu protagonismo em mais de um projeto relacionado a RMS, estão formados para atuar como pesquisadores e agentes de preservação dos bens culturais imateriais de sua própria comunidade. Esses 200 indígenas tiveram suas capacidades e talentos (visão crítica, articulação comunitária e/ou formas de expressão: oral, escrita, desenho e fotografia) fortalecidos. Esses 200 indígenas conheceram as definições globais de cultura, patrimônio, diversidade, direitos

coletivos, direitos de autor e outras; e se apropriaram conscientemente das novas tecnologias de informação, comunicação, aprendizagem e ação, tanto para salvaguarda de suas culturas como para a promoção de seus direitos, promoção do bem-estar de sua comunidade e do Planeta



RMS e INTERCAMBIOS FORMATIVOS. Diego Pankararu (PE) visita a comunidade Pataxó Hãhãhãe (BA) e realiza Oficina de fotografia e diálogo intercultural.

### AÇÕES EDUCATIVAS:

Muitos dos produtos resultantes da REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA tiveram, primeiro, ações educativas feitas dentro das próprias comunidades. E depois com o produto pronto acontece uma segunda ação educativa, às vezes, dentro de cada comunidade indígena participante, outras vezes, em novos encontros multiétnicos e ainda, em outras ocasiões, apresentando os produtos para a sociedade geral. Por exemplo, geralmente os livros que lançamos tiveram 50% da sua tiragem para ser distribuída no interior da comunidade e os outros 50% fora dela. Aconteceram ações educativas formais e não formais, colaborando com a revitalização do patrimônio imaterial.



No livro ESPERANÇA DA TERRA, em página dupla se apresentam eventos em que a RMS dialogou com não indígenas. RMS realizou palestras e cineclubes.

Muitos dos livros multiétnicos temáticos tiveram ações educativas dentro da sede institucional da Thydêwá. Como é o caso do livro “MEMÓRIA” que nasceu de um Encontro de quatro dias que tratava sobre Patrimônio Imaterial Indígena e Memória. Nesse encontro reunimos 16 indígenas representando 08 comunidades de 7 etnias, trabalhando o tema transculturalmente. Esse grupo planejou a organização desse livro e o fez com autonomia de gestão. O grupo voltou a se reunir com o livro pronto e fez uma avaliação do livro, do processo e da situação do patrimônio imaterial das comunidades/etnias participantes. Nessa reunião foram desenhadas possíveis atividades a serem desenvolvidas para quando os representantes retornassem em suas comunidades. Cada dupla de cada comunidade ficou encarregada de distribuir o livro e de realizar as ações educativas dentro de sua comunidade. Representantes desse grupo viabilizaram também alguns eventos em grandes cidades.

Outro exemplo é o livro “PELAS MULHERES INDÍGENAS”. Ele foi resultado de um ano de ações educativas, três Encontros Multiétnicos e várias Rodas de Conversa dentro de cada uma das oito comunidades de 7 etnias participantes. O projeto PELAS MULHERES INDÍGENAS possibilitou às próprias mulheres indígenas se pesquisarem, se valorizarem e divulgarem seus saberes e visões em RODAS DE CONVERSA, em um

livro multiétnico feito por elas, em um portal delas ([www.mulheresindigenas.org](http://www.mulheresindigenas.org)), em uma rede social delas e participando em várias ações educativas.



Desde o primeiro livro realizamos ações educativas para o público não indígena, em especial para estudantes. Desde 2008 temos dado especial atenção para a lei 11.645 e, assim, temos aumentado nossas ações de visitação escolar e disponibilizado conteúdos educacionais abertos (REA), promovendo o diálogo entre indígenas e estudantes de escolas. Temos uma plataforma digital com este propósito ([www.indioeduca.org](http://www.indioeduca.org)) na qual os próprios indígenas atuam como pesquisadores e pedagogos.



Printscreens dos 04 portais multiétnicos, onde também a RMS se expressa

As a es educativas e os lançamentos dos livros tiveram a es bem diversas como bate-papos com o público, seja dentro de escolas, universidades, associa es, parques, bienais, feiras, teias - no Brasil e no exterior. Destaca-se duas turnês multiétnicas, a primeira com cinco indígenas de cinco etnias e a segunda com três de tr s etnias, que protagonizamos na França, inclusive fazendo um livro multiétnico traduzido para o francês e lançado com a es educativas:

<http://mdh.limoges.free.fr/support/thydewa/limo.htm>;

<http://www.mdh-limoges.org/spip.php?article251>;

[http://www.indiosonline.net/1\\_e\\_2\\_na\\_franca/](http://www.indiosonline.net/1_e_2_na_franca/)

## TRANSMISSÃO DE SABERES:

A tecnologia RMS valoriza os saberes, os conhecimentos, as práticas e os valores das culturas indígenas. Sempre que a RMS promove a produção de um livro, um grande número de jovens decide pesquisar com os indígenas de suas próprias aldeias que são detentores de alguns saberes como: Parto Natural; Curar com Plantas; Fazer cerâmica; Construir com a matéria primeira ofertada pela Natureza de um local; Fazer Farinha; Fazer Alimentação tradicional; Fazer suas vestes de fibras naturais; Cantar; Fazer Rituais; Dançar e tocar instrumentos tradicionais; Extrativismo tradicional; Saúde Tradicional; Pesca Tradicional; e outras centenas de exemplos estão nos livros da coleção.

O Cordão de Oração		Mãe Dora	
<p>O primeiro parto que eu fiz eu tinha 16 anos. Minha mãe ia fazer parto e me levava junto. Levava eu e outra irmã minha. Chegando lá, ela falava: "Panha folha de andu" e a gente apanhava, "Panha folha de manga"... A gente apanhava broto de cana pra aumentar as dores, a gente fazia os banhos... Eu aprendi com ela e hoje eu já fiz muitos partos, mais de 100. Já perdi a conta.</p>	<p>Fiz um parto recente que foi da prima de meus filhos. Ela sentiu dor, mandou me chamar e eu fui. Cheguei lá e ela estava ruim. Dei uns banhos de remédio, ajeitei e a criança nasceu. Desde do primeiro parto que eu fiz, eu uso meu cordão de oração. Até hoje tenho ele aqui guardado pra na hora que as mães precisar de mim eu tô lá pra fazer os partos e uso esse cordão.</p>	<p>Comecei com 17 anos acompanhando a parteira tradicional mãe Chiquinha, que me passou as técnicas tradicionais e remédios que ajudam a facilitar o parto e torná-lo menos doloroso para a mãe. Mãe Chiquinha sempre foi paciente e atenciosa em seus ensinamentos e com ela aprendi, assim, facilitando meu aprendizado. Mas nada seria possível se eu não tivesse dentro de mim a vontade de ser parteira. Com 19 anos, fiz o primeiro parto sozinha e desde então, até os dias de hoje, continuo fazendo.</p>	<p>conhecimentos, assim como mãe Chiquinha me ensinou. Já tem algumas parteiras aprendizes aqui na aldeia: Mariza, Ivone, minha irmã Julia, entre outras. Hoje em dia, tenho a companhia da Luciene, pois facilita por ela ser minha nora, e ter boa vontade de participar nos partos.</p>
 <p>Parteira Machinã</p>	<p>Minha mãe me ensinou a oração e eu fiz esse cordão. Ela ensinava pra a gente fazer e a gente fazia. Quando a mulher estava com dor, a gente chegava e amarrava o cordão na barriga da mulher. Para aqueles casos em que o médico falava que a criança sobe, a gente usa o cordão que é pra criança não subir. Quando a mulher tá com dor, a primeira coisa a fazer é dar uma massagem das costas puxando pra frente, pra a criança não ir pra trás. O cordão é feito falando as palavras da oração e dando uns nós no cordão, aí ele tá pronto. Então, todo canto que voçô for não precisa nem rezar, a oração já tá ali, no cordão; é só amarrar na cintura da mãe e a criança tá fora de perigo.</p> <p>Mocinha Pataxó Hãñãhã</p>	<p>Hoje me sinto muito gratificada pelo meu trabalho. Como meu trabalho é feito por um dom dado por Deus, eu não cobro por ele. Sou agradecida pelos sorrisos dos pais ao verem seu filho pela primeira vez, ao ouvir o choro de um bebê recém-nascido ao chegar a um novo mundo. Sinto-me especial pois cada uma das crianças que fiz o parto, a partir daquele dia e momento, passam a ser meus filhos também. Por esse motivo sou conhecida na aldeia e em todo o Povo Pankararú por "MÃE DÓRA".</p> <p>A cada parto, sinto uma paz de espírito e de dever cumprido perante Deus, nosso pai, que me concedeu esse dom e as nossas forças encantadas que sempre me acompanham em minhas missões. Sinto eles perto de mim.</p> <p>Há vários anos levo comigo sempre que possível uma aprendiz, para repassar meus</p>	<p>Sinto-me uma pessoa abençoada e privilegiada por minha vida de parteira e sinto dentro de mim, a cada novo parto, um sentimento de missão cumprida.</p> <p>Mãe Dóra Entrevistada por Luciene Pankararú</p>  <p>Maria das Dornas Silva (Mãe Dóra) e Luciene Maria da Silva</p>

A RMS realizou 02 Encontros sobre Parto Tradicional, com a participação de várias etnias e também parteiras não indígenas do Brasil e de outros países.

Temos sempre o cuidado de compor grupos onde tenham pessoas de três gerações diferentes. Nas nossas atividades é comum termos sempre alguns

participantes adolescentes, alguns jovens, alguns adultos e alguns idosos, da mesma forma que geralmente temos equidade entre ambos os gêneros. Muitas vezes ensinamos aos jovens a usar as novas tecnologias e esses jovens as usam para entrevistar os mais velhos e, geralmente, as entrevistas, reportagens e matérias, enfatizam a transmissão de um ou vários saberes. Produzir o livro incentiva a transmissão dos saberes porque, além da conversa entre o detentor e o pesquisador, o pesquisador quer fazer fotografias e isto acaba promovendo a prática do saber, como construir a oca, fazer a farinha, fazer o remédio do mato... No caso da “transmissão de saberes” o mais importante não é registrar em suporte mas perpetuar o saber através de sua prática, de sua ação concreta. Muitas vezes os agentes indígenas preferem fazer CDs de áudio ou DVDs para alguns saberes e, por isso, a tecnologia RMS adaptou metodologias para esses outros suportes, incentivando de várias formas a transmissão de saberes, como também, de várias formas, promove a transmissão de valores; duas vias fortes para a salvaguarda do imaterial.

#### APOIO À ORGANIZAÇÃO E À MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA:

A RMS para muitas das suas ações constrói relações de parceria com as comunidades indígenas. São os próprios indígenas que, com liberdade e autonomia, se mobilizam e se organizam e, assim, coletiva e colaborativamente, fazem os trabalhos.



Maria Pankararu (PE) e Potyra Tê Tupinambá (BA) visitam a aldeia DOIS IRMAOS dos Pataxó. Usam a metodologia participativa *Dragon Dreaming* para colaborar.

A RMS debate temas e sugere, às vezes, quem poderia focalizar uma determinada pesquisa, quem poderia escrever, quem falar, quem desenhar, quem fotografar, etc. Os indígenas têm liberdade para organizar a distribuição das cópias, quem vai fazer que ações educativas dentro da comunidade e quem vai fazer as fora da aldeia. Tudo é feito com transparência, tendo a RMS, as comunidades e os indígenas autonomia e protagonismo na gestão de todo o processo, cabendo a ONG Thydêwá prestar apoio e assessoria.



Mulheres e homens Tupinambá celebram a distribuição dos livros produzidos pelas ações da RMS.

### **13. Conclusão**

Para os indígenas a salvaguarda de seus patrimônios culturais imateriais significa direta e imediatamente a salvaguarda de suas próprias vidas. Os indígenas do Nordeste, que em sua maioria, foram quase assassinados culturalmente, tiveram extintas suas línguas, vestidos seus corpos e foram apelidados de “caboclos”, quando praticam suas ciências, eles sabem que estão vivos, quando partilham de geração à geração suas culturas, eles sabem o que é resistir; quando eles identificam, registram e apresentam para a sociedade “seus patrimônios”, eles se reavivam.

Na REDE MULTIÉTNICA DE SALVAGUARDA, os indígenas incentivam-se uns aos outros. A rede inventa novas relações, inclusive novas misturas de ervas para fumar, novos cantos para cantar, novos artesanatos com matérias primas de dois ou mais territórios. A RMS dinamiza a atualização cultural, potencializa a resistência, cria alianças interétnicas para patrimônios que são comuns a várias etnias. - *Quem inventou o Pote, o Arco e Flecha, o Cachimbo?* A RMS colabora na salvaguarda do Pote, desde sua ciência quando de sua feitura até seu uso no cotidiano. A RMS colabora com a salvaguarda do Arco e Flecha, do Cachimbo e, inclusive, de tantas e tantas práticas que ainda não se tem nem linguagem plausível para fazer essa partilha.

Para a RMS os patrimônios indígenas são estratégicos para o desenvolvimento, a sobrevivência e a sustentabilidade. Atuar na RMS é, ao mesmo tempo, afirmar a identidade, preservar a memória, fazer cidadania e promover a paz. Para a RMS, colaborar na salvaguarda do patrimônio imaterial de uma etnia é jogar um “jogo de ganha-ganha”, no qual ganha-se mutuamente, ou seja, ganha a própria etnia e ganha a humanidade.

E é pela confiança de que todas as vivências acima relatadas são legítimas e que já demonstraram felizes resultados, que a RMS vem enfatizando sua aposta na participação comunitária dos indígenas para proteger e promover suas tradições culturais, chave mestre para a salvaguarda dos patrimônios imateriais.

#### SOBRE OS LIVROS EM ANEXO AO DOSSIÊ:

- 1) MEMÓRIA DO MOVIMENTO INDÍGENA DO NORDESTE; MEMORIA DA MÃE TERRA; PELAS MULHERES INDÍGENAS: são três dos últimos livros fruto da RMS;
- 2) CANTANDO AS CULTURAS INDÍGENAS: uma cartilha com CD que é o primeiro fruto material da RMS;
- 3) RISADA: um livro catálogo, produzido pela RMS com o objetivo de promover a economia solidária;
- 4) ESPERANÇA DA TERRA: um livro institucional que relata os primeiros 12 anos de vida da Thydêwá, apresentando muitas ações em que a RMS estava participando;
- 5) Vale lembrar a manifestação no ciberespaço da interação da RMS em: [www.risada.org](http://www.risada.org); [www.mulheresindigenas.org](http://www.mulheresindigenas.org); [www.indioeduca.org](http://www.indioeduca.org); [www.indiosonline.net](http://www.indiosonline.net) e em redes sociais abertas.